



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
ISSN: 2238-6424  
Nº. 28 – Ano XIII – 10/2025  
<<https://revistas.ufvjm.edu.br/vozes>>  
DOI: <<https://doi.org/10.70597/vozes.v13i28.1050>>

## **Fruição Cultural e (Re)conhecimento: O Museu Regional do Norte de Minas e seu papel na Preservação da Identidade Popular**

**Henrique Rodrigues Domingos**

Graduado em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES  
<<http://lattes.cnpq.br/2236650677912969>>  
E-mail: [henriquerodriguesdmg@gmail.com](mailto:henriquerodriguesdmg@gmail.com)

**João Pedro Ferreira dos Santos**

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FIPMoc – UNIFIPMOC  
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS)  
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES  
<<http://lattes.cnpq.br/3698166635455520>>  
E-mail: [joaopedroferreira.st@gmail.com](mailto:joaopedroferreira.st@gmail.com)

**Rahyan de Carvalho Alves**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFM  
Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes  
<<http://lattes.cnpq.br/0593456424985792>>  
E-mail: [rahyan.alves@unimontes.br](mailto:rahyan.alves@unimontes.br)

**Resumo:** O Museu Regional do Norte de Minas, vinculado à Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), situa-se como espaço estratégico de preservação da memória coletiva e valorização da identidade cultural sertaneja. Instalado em um casarão histórico e tombado, o museu reúne acervo diversificado que contempla aspectos naturais, históricos, sociais e simbólicos da região. Apesar da gratuidade de acesso, da localização central e da relevância do patrimônio exposto, observa-se ainda baixa apropriação pela comunidade local, revelando barreiras físicas e simbólicas que limitam sua fruição cultural. Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições que envolvem o Museu Regional do Norte de Minas para promoção do pertencimento e a identidade regional entre os moradores de Montes Claros. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter de estudo de caso, integra pesquisa de campo, revisão bibliográfica, observação participante e análise documental. Os resultados indicam a importância de ações que valorizem

e aproximem o museu da comunidade, como estratégias de mediação cultural e participação comunitária mais inclusivas, reforçando seu papel como espaço de memória e participação social.

**Palavras-chave:** Museu. Patrimônio Cultural. Identidade. Lugar.

## 1 Introdução

Inaugurado em 2014 pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), o Museu Regional do Norte de Minas está localizado no centro histórico da cidade. Vinculado à Pró-Reitoria de extensão, ocupa um edifício construído em 1886, originalmente para fins residenciais e comerciais, e que posteriormente abrigou instituições escolares e de ensino superior<sup>1</sup>. O imóvel localizado na rua Cel. Celestino de nº 75, tombado pelo Decreto nº 1.761 de 28 de setembro de 1999 ([Montes Claros \(Município\), 1999](#))), possui relevante valor geográfico ao configurar-se como patrimônio e expressão simbólica de memória, identidade e pertencimento para a região. Como afirma Pierre Nora, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” ([Nora, 1993](#), pp. 7), e é justamente nesse sentido que o museu poderia atuar como um lugar de memória coletiva e de fortalecimento do vínculo entre população e território.

A promoção do seu grande acervo, a gratuidade do usufruto e eventuais ações educativas são fatores iniciais para um posicionamento do museu como um espaço estratégico de democratização da cultura no centro de Montes Claros. Apesar disso, observa-se que, no contexto local, a apropriação do Museu Regional pela população de Montes Claros ainda é limitada. Nesse cenário, o desafio de engajar a comunidade local reflete o que [Fonseca \(2003\)](#) aborda sobre a imagem do patrimônio, que historicamente, muitas vezes construída pela política estatal, distanciou-se da diversidade e dos conflitos que caracterizam a produção cultural do Brasil, apontando para a necessidade de novas abordagens. Embora inserido em um espaço urbano em até certa medida acessível, o espaço expositivo permanece desconhecido ou pouco frequentado por muitos moradores da cidade. Este distanciamento entre patrimônio e comunidade também faz relação a um paradoxo que pode ser recorrente em diversas regiões do país e do mundo: museus historicamente associados à memória local muitas vezes são mais visitados por turistas do que pelos próprios habitantes do território que representam.

Tal abordagem temática sobre o Museu Regional do Norte de Minas não é apenas espacial, mas também simbólica. A possível percepção do museu como espaço elitizado, institucional ou descolado do cotidiano popular contribui para a sua marginalização social, mesmo quando os acervos expostos dizem respeito diretamente às histórias e práticas dos sujeitos locais. [Fonseca \(2003\)](#) argumenta que a superação de uma compreensão restritiva da preservação, que por vezes privilegiou determinados bens, é crucial para que as políticas de patrimônio sejam mais inclusivas, transformando a percepção de instituições como o museu e estreitando seus laços com a sociedade. Nesse sentido, torna-se relevante compreender como a imagem social do museu é

<sup>1</sup>Sobre a edificação onde o museu se estabelece, ver em: [unimontes.br/relatoriosdeatividades/2017/?page\\_id=928](https://unimontes.br/relatoriosdeatividades/2017/?page_id=928). Acesso em: 29 maio de 2025.

construída, e de que forma essa imagem afeta seu papel como promotor de identidade.

A manifestação da valorização dos laços afetivos e simbólicos que os indivíduos estabelecem com o seu território também está ligado ao sentimento de pertencimento. Nesse contexto, a perspectiva da geografia humanista, notadamente pelos estudos de [Marandola Jr. \(2013\)](#), reforça a importância da experiência vivida e da percepção subjetiva na construção do lugar, onde o espaço se torna significativo através das interações humanas, memórias e emoções que nele se depositam. Diante disso, este estudo faz o questionamento de “como se dá o processo de fruição cultural, o fortalecimento da identidade local e o sentimento de pertencimento entre a cidade e o Museu Regional do Norte de Minas.” O objetivo será analisar as estratégias e ações implementadas que envolvem o Museu Regional do Norte de Minas para a promoção do acesso à cultura. Ao considerar o museu como lugar de memória e (re)conhecimento, o trabalho procura compreender as relações entre representação regional e participação social.

A relevância do estudo reside na proposição da potencialidade de interação entre o espaço museológico e comunidade local, alinhado à responsabilidade social da pesquisa acadêmica. Ao investigar as relações entre o Museu Regional e seus públicos, pretende-se refletir sobre a importância de práticas inclusivas e participativas para a formação cidadã dos sujeitos, promovendo o reconhecimento e a valorização do museu como um espaço legítimo de memória, cultura e pertencimento.

A metodologia segue uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso, o que permite uma análise aprofundada do fenômeno em seu contexto real. A coleta de dados inclui a revisão bibliográfica com base nos descritores ([Bourdieu, 2007](#); [Chauí, 2008](#); [Hall, 2006](#); [Marandola Jr., 2013](#); [Marandola Jr., 2020](#); [Sarraf, 2022](#); [Tuan, 2013](#)), além da análise documental. Também contempla a observação participante em eventos e exposições, a análise de relatórios e projetos institucionais fornecidos pela equipe gestora da instituição, bem como o trabalho de campo realizado no ano de 2025. O material será examinado por meio da análise de conteúdo, de modo a interpretar os sentidos atribuídos ao museu e seu papel na construção, no fortalecimento e na aproximação entre os moradores da cidade de Montes Claros e o Museu Regional do Norte de Minas.

Este artigo está organizado em cinco partes. A primeira trata da contextualização teórica, com a definição dos conceitos centrais de Regional, Museu e do território do Norte de Minas. A segunda parte aborda a estrutura e o acervo do Museu Regional, com foco na sua diversidade temática. Em seguida, a terceira parte discute o histórico e as ações desenvolvidas, sob a perspectiva do Museu em Movimento. A quarta seção analisa o Acesso e a Democratização da Cultura como formação da identidade local. Por fim, nas considerações finais, são apresentadas reflexões e propostas de atuação voltadas ao fortalecimento do papel do museu na região.

## 2 Metodologia

Este estudo adotou abordagem qualitativa, na modalidade estudo de caso, visando compreender as práticas de fruição cultural no contexto do Museu Regional do Norte de Minas - MRNM. A

coleta de dados ocorreu no ano de 2025 e integrou: (a) revisão bibliográfica (descritores: “museu”, “identidade”, “acesso cultural”, bases: Scielo, BVS, Google Scholar; dentre outros); (b) análise documental de relatórios institucionais (Relatório Anual MRNM) e projetos internos; (c) observação participante em visitas e eventos (registradas em diário de campo e fotografias); e (d) análise complementar de pesquisas locais sobre perfil de visitantes (Silva, 2023).

A análise dos dados seguiu procedimentos de Análise de Conteúdo Bardin (2011) com etapas de pré-análise, codificação e categorização temática, permitindo a triangulação entre documentos, observações e literatura.

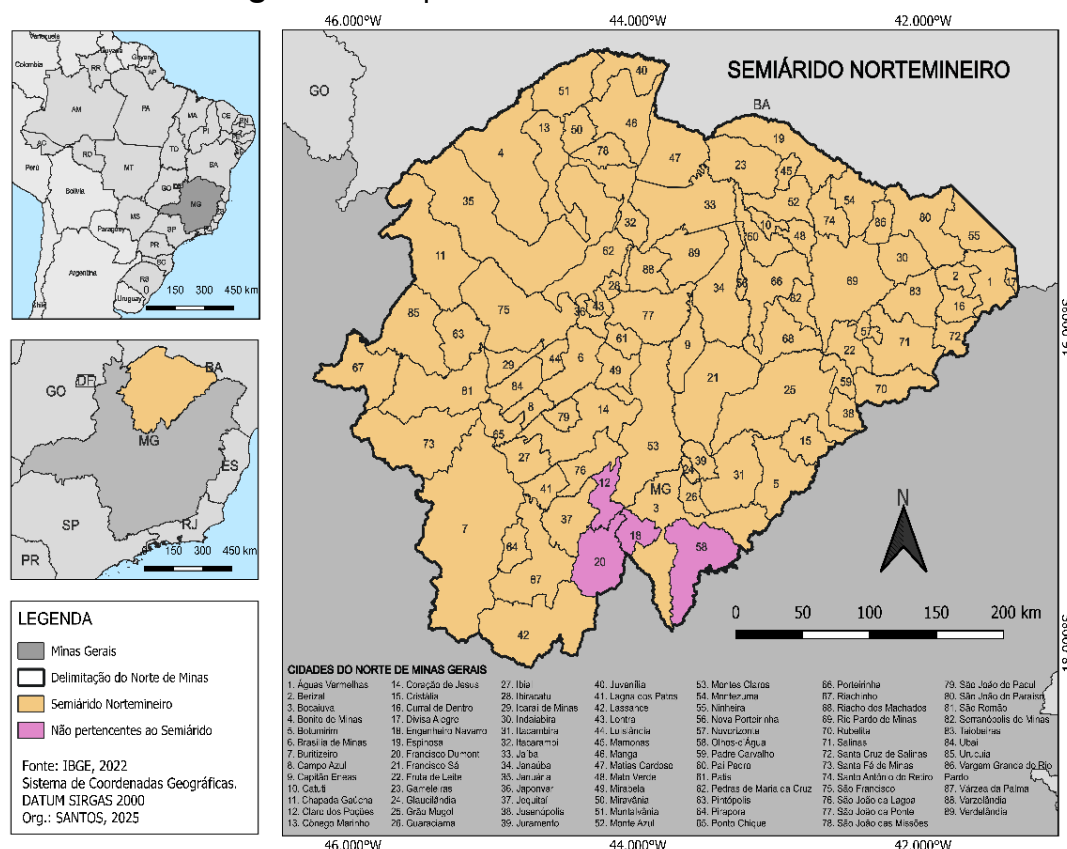
### 3 Referencial Teórico

#### 3.1 O Regional, o Museu e o Norte de Minas

Em uma perspectiva latino-americana, o regional é frequentemente associado à resistência, como um espaço onde as particularidades locais se contrapõem às perspectivas coloniais contemporâneas. Como afirmam Porto-gonçalves e Quental (2012, pp. 1), “os recortes geográficos, as regiões, são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social”. Assim, o conceito de “regional” transcende a delimitação cartográfica, estabelecendo-se na vida, nas memórias e na história de um povo. Trata-se de uma noção profundamente ligada à cultura e à identidade. Ao compreendermos o regional por esse viés, resgatamos sua dimensão simbólica e política, profundamente enraizada em disputas históricas e formas de resistência territorial. É nesse “regional” que se preservam formas subjetivas de vida, expressões artísticas autênticas e saberes ancestrais, todos gestados a partir de uma relação genuína com o território e suas histórias. O Museu Regional do Norte de Minas não é apenas uma edificação de valor histórico: é em si, o simbolismo da regionalidade que se busca refletir.

No vasto território brasileiro, a regionalidade também se revela complexa, refletindo a imensidão geográfica e a diversidade cultural do país. Cada “Norte”, “Sul”, “Nordeste”, “Centro-Oeste” ou “Sudeste” possui símbolos e traços que os distinguem, mas que também se conectam à identidade nacional. Como aponta Ribeiro (1995), a cultura brasileira é resultado do resultado da colonização articulada às contribuições indígenas e africanas, culminando em uma formação histórica singular.

O Norte de Minas, em particular, expressa uma regionalidade marcada por paisagens de transição entre biomas, manifestações culturais que refletem a vida rural e as tradições populares, além de uma história singular de ocupação territorial. Está inserido em um contexto que se convencionou a chamar de sertão. Essa identidade sertaneja se manifesta não apenas na paisagem árida, mas também nos modos de vida, tradições orais, festas populares e saberes transmitidos por gerações, especialmente entre comunidades tradicionais. Nesse sentido, o Museu Regional atua como um espaço de valorização da identidade sertaneja, em consonância com o que Almeida (2022) define como uma “leitura etnogeográfica” do sertão como um lugar carregado de representações e afetividades, no qual a cultura está na relação entre o sujeito e o território. O mapa abaixo (Figura 1) destaca a posição geográfica da região Norte de Minas dentro do estado.

**Figura 1 – Mapa do Semiárido Nortemineiro.**

Fonte: IBGE (2023). Elaborado por: João Pedro (via QGIS).

A riqueza cultural da região é celebrada por figuras como Beto Guedes, Zé Coco do Riachão, Jukita Queiroz, Pedro Surubim, Tino Gomes, entre outros artistas que propõem reflexões sobre a importância de preservar a terra, a cultura, a paz e o respeito à diversidade cultural como elementos essenciais para a preservação do patrimônio cultural e da identidade local. De acordo com o dicionário da [Academia Brasileira de Letras](#) (2008, pp. 1094), o significado de “regional” é “relativo a ou próprio de uma região” e “conjunto musical que toca composições típicas de uma região.” Dentro dessa definição de “regional”, o museu cumpre a função de valorizar a cultura local, dedicando seu acervo à representação dessa dimensão identitária. A priorização de artistas locais em suas exposições e apresentações é um testemunho dessa conexão com o regional, um elo que deveria, em tese, atrair e envolver a população local.

Embora possua um acervo intimamente relacionado à identidade regional, o Museu Regional do Norte de Minas ainda não tem a mesma frequência de visitação por parte da população local em comparação aos que vêm de fora. Essa diferença revela barreiras não apenas físicas, mas também simbólicas, entendendo que o museu não está imerso no cotidiano de todos os moradores. Embora situado no centro urbano, um museu muitas vezes é percebido como um espaço elitizado ou desvinculado da realidade popular, o que contribui para sua apropriação restrita. O contraste com o público visitante reforça a necessidade de repensar o museu como lugar de pertencimento. Como destaca o estudo de [Marandola Jr. \(2020, pp. 10-11\)](#), “lugar é modo de ser, expresso pela lugaridade. Isso não implica trazer para a pessoa ou para o si, pois ser se manifesta nos entes, na mundanidade do ser-no-mundo.” Assim, mais do que ponto de visitação, o museu deve assumir-se

como espaço de convivência.

Compreender o universo do museu é fundamental para entender o papel do Museu Regional do Norte de Minas nesta discussão. Desde os anos 1970, a reflexão na América Latina já apontava a necessidade de alinhar os museus às realidades sociais e ambientais locais. Como destaca a Declaração de Santiago, citada por Scheiner (2012), os museus da região “não estão adaptados aos problemas decorrentes de seu desenvolvimento, e devem empenhar-se em cumprir sua missão social, que é de fazer o homem se identificar a seu meio natural e humano” (UNESCO, 1973 apud Scheiner, 2012, p. 23). Embora essa crítica tenha marcado os desafios daquela época, nas últimas décadas os museus têm avançado na integração social e cultural, buscando cumprir esse papel social de forma mais efetiva. Esse entendimento reforça que o seu acesso deve ser visto como um direito cultural, especialmente em regiões com desigualdades históricas.

Em 2022, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou uma ampliação de definição do museu que destaca inclusão, acessibilidade, sustentabilidade e ética<sup>2</sup>. Segundo o ICOM, museus devem ser espaços abertos, diversos e participativos, comprometidos com comunicação ética e engajamento comunitário, oferecendo experiências educativas e reflexivas. Essa definição atualiza o conceito de museu, legitimando práticas que colocam cidadania, pertencimento e justiça cultural no centro da atuação museológica. Nessa direção, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, em sua obra “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (Tuan, 2013), contribui para uma compreensão mais ampla do papel simbólico e relacional do espaço. Para o autor, o espaço é algo construído a partir das experiências humanas, marcado pelo corpo, pelas relações sociais e pelos valores culturais atribuídos a ele.

“Espaço” é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fato: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (Tuan, 2013, p. 49).

Tuan (2013) evidencia como a organização do espaço é indissociável da experiência humana. É a partir do corpo e das interações sociais que o espaço se torna compreensível e funcional. Nesse sentido, à luz tanto da definição atualizada do ICOM quanto da perspectiva humanística de Tuan, os museus contemporâneos podem ser compreendidos como espaços vivenciados, organizados por e para as relações. Ao expressarem e reconfigurarem valores sociais e culturais, tornam-se ambientes qualificados para mediar pertencimento, fomentar o diálogo e promover o (re)conhecimento.

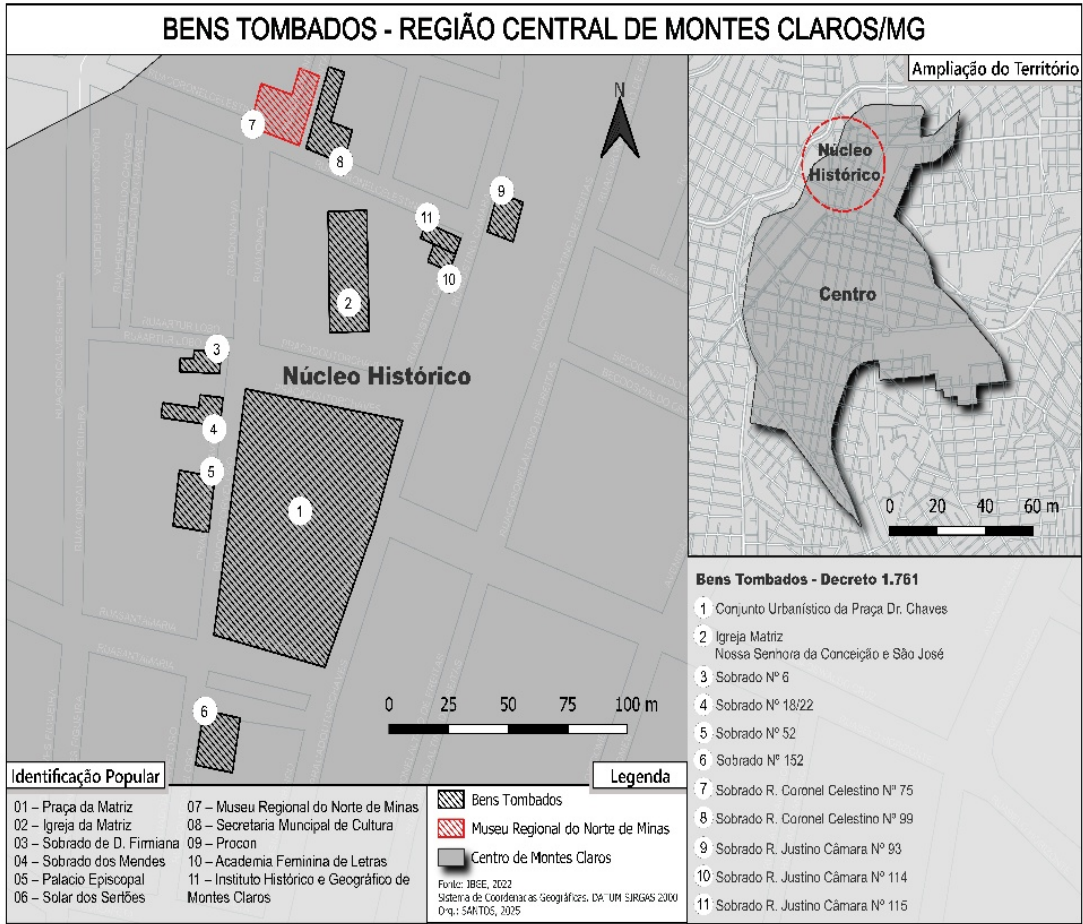
A existência do Museu Regional está ligada à representação da identidade local, ao reconectar indivíduos às suas raízes e fortalecer os vínculos afetivos e simbólicos com o território. Essa

<sup>2</sup>Informação sobre aprovação da nova definição de museu em gov.br. Ver em: <https://shre.ink/eBXs>. Acesso em: 22 de junho de 2025.

conexão, no entanto, é frequentemente dificultada por barreiras, seja relacionada ao acesso físico, à falta de identificação, ou até mesmo a preconceitos com o espaço que precisam ser reconhecidas e superadas. A identidade, nesse cenário, é compreendida como um processo contínuo de construção. Como afirma Hall (2006, p. 10-11), “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. Assim, o museu atua como mediador entre passado e presente, interpretando bens materiais e imateriais e oferecendo ao público a oportunidade de ressignificá-los a partir de suas próprias experiências.

A cidade de Montes Claros por sua vez, com uma população estimada de 434.321 habitantes em 2024 (IBGE, 2023), é palco dessa relação entre cultura, identidade e patrimônio no Norte de Minas. A força da cultura se manifesta em referências como o Mercado Central Christo Raeff, a Catedral Metropolitana, Igreja da Matriz, a Igreja dos Morrinhos, a Feirinha de Artesanato, a Festa Nacional do Pequi e as Festas de Agosto, estas últimas amplamente representadas no acervo do Museu Regional. Os espaços naturais, como o Parque da Sapucaia, o Parque Municipal Milton Prates e o Parque Estadual da Lapa Grande, também ampliam o repertório do município. O Mapa a seguir (Figura 2) destaca a localização do Museu Regional do Norte de Minas, evidenciando sua inserção no centro histórico e sua proximidade com espaços culturais da cidade.

Figura 2 – Mapa dos Bens tombados na Região Central de Montes Claros – MG.



Fonte: IBGE (2023). Elaborado por: João Pedro (via QGIS).

A instituição museológica busca constantemente se conectar com o cotidiano dos moradores. Mas as desigualdades socioespaciais existentes na cidade representam um dos fatores limitantes

discutidos neste estudo. Conforme apontado por Corrêa (1995), o espaço urbano é um reflexo tanto da sua organização material quanto dos conflitos e usos diferenciados que emergem das relações sociais. Nesse contexto, a percepção do museu como distante ou elitizado não é uma falha intrínseca à instituição, mas pode ser um reflexo das complexas relações sociais e da distribuição desigual dos recursos e oportunidades na cidade.

A superação desses limites passa por estratégias que reconheçam a pluralidade de vivências e promovam o acesso democrático aos espaços culturais, em especial o Museu Regional do Norte de Minas. Ações de mediação, representatividade e participação ativa podem ressignificar o papel do museu, promovendo o vínculo afetivo e simbólico com os moradores. Como propõe [Marandola Jr. \(2020, p. 10\)](#), “o fenômeno lugar, pensado a partir das lugaridades de uma geografia-mais-que-extensiva, não se constitui a partir de sujeitos e objetos, mas de emergências [...] em uma topologia relacional [...] de um acontecer”. Isso implica compreender o museu não como um lugar onde se guardam coisas e histórias, mas como um espaço onde sentidos e relações estão sempre em construção. O desafio é tornar o MRNM um espaço onde o regional se faz como parte essencial da identidade cotidiana de quem habita Montes Claros.

### 3.2 A Diversidade Temática do Museu Regional

Vale ressaltar o caráter público do Museu Regional do Norte de Minas, cuja entrada é gratuita e recebe milhares de visitantes anualmente. Acompanhados por um dos mediadores do museu, os pesquisadores realizaram a visita completa e registraram detalhadamente seu rico acervo, organizado em exposições permanentes distribuídas por eixos temáticos que revelam aspectos naturais, históricos, sociais e culturais do Norte de Minas. Para uma visualização mais ampla do acervo do Museu Regional do Norte de Minas, acesse o registro fotográfico completo através do QR Code abaixo.

**Figura 3** – QR Code para acessar o registro fotográfico do acervo do Museu Regional do Norte de Minas.



Fonte: Organizado pelos autores (2025).

O primeiro eixo temático é o de “Meio Ambiente”, que destaca a importância do rio São

Francisco, da bacia hidrográfica do rio Verde Grande e do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. A exposição inclui imagens fotográficas de paisagens regionais como o cerrado do Norte de Minas, uma senhora na charrete em Capitão Enéas, Serra da Gordura, o ipê amarelo em Botumirim, a vereda seca em Coração de Jesus, e a mata com a cachoeira Véu de Noiva em Grão Mogol. Elementos da flora como o pequi, fruta típica da região, e sementes regionais também estão presentes.

Uma vitrine com animais taxidermizados chama a atenção pela variedade das espécies representadas: lobo-guará, raposinha-do-campo, veado-catingueiro, gato-mourisco, gato-domato, teiú, jacaré-de-papo-amarelo, seriema, tatu-peba, tatu-galinha, suindara, mocho-diabo, tucano-toco, arara-canindé, bugio-preto, sagui-de-tufos-pretos, paca, caninana, tamanduá-mirim e mão-pelada. Destaca-se também a descoberta do crânio do Tapuiassau, por José Adão Pereira de Souza (Zezinho), em Coração de Jesus, no ano de 2005. Uma réplica do tiranossauro, confeccionada pelo artista plástico Cláudio Marley Alves de Souza, compõe a exposição. O museu informa que o crânio é um dos três mais completos do mundo, juntamente com exemplares encontrados na Mongólia (Ásia) e em Madagascar (África). A pesquisa acerca do Tapuiassau foi aceita e realizada pela equipe do Laboratório de Paleontologia do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), e o fóssil é considerado um dos mais importantes da paleontologia nacional (Soler; Vasconcellos; Anelli, 2013).

No segundo eixo, "Ocupação Territorial", o destaque inicial é dado aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Norte de Minas. A exposição apresenta imagens de pinturas rupestres em sítios arqueológicos da região, além de ferramentas pré-históricas doadas por pesquisadores, como material lítico, carvão vegetal, fósseis, fragmentos de ossos e cerâmicas. Em uma segunda parte do eixo, são apresentados objetos regionais do século XX como estribos, chifres de boi, chicotes, selas, esporas, garruchas, polvarim, punhais, rédeas e freios, além de algemas e correntes usadas em pessoas vítimas da escravidão. Também são expostas representações do cotidiano dessas populações e do contexto do extermínio indígena regional.

O terceiro eixo, "Desenvolvimento Regional", destaca o processo histórico da cidade de Montes Claros. A cronologia apresentada na exposição começa em 1707 com a atuação do bandeirante Antônio Gonçalves Figueira, no período colonial, passando por momentos importantes como a elevação à categoria de cidade em 1857. Além disso, exhibe objetos domésticos antigos e um conjunto de pinturas da artista Maria de Lourdes Antunes Pimenta, que representam aspectos históricos, culturais e simbólicos de Montes Claros.

O quarto eixo temático, "Saberes, Fazeres e Celebrações", reúne expressões artísticas e culturais por meio de obras em cerâmica, argila e madeira, standartes e presépios, enquanto a música é representada nos instrumentos como viola, rabeca e caixas de folia. Um espaço especial é reservado ao músico Zé Coco do Riachão, nascido em Brasília de Minas e residente em Montes Claros (Martins, 2013–2014). Manifestações tradicionais como pastorinhas, folia de reis e cavalgada de Brejo do Amparo (Januária – MG) também estão presentes, junto aos símbolos das Festas de Agosto, com destaque para os grupos do Congado: os catopês (de tradição africana), a marujada (de origem portuguesa) e os caboclinhos (de reminiscência indígena).

Fotografias exibem saberes tradicionais em atividades cotidianas, como mulheres ralando mandioca e fazendo biscoito em Montezuma, mulheres da comunidade quilombola de Buriti do Meio produzindo cerâmica e passando café, e o modo de fazer cachaça, moer cana, fabricar rapadura e farinha na comunidade quilombola de Berilo. Neste mesmo salão, encontra-se um conjunto de carrancas de madeira esculpidas no século XX em Pirapora – MG.

Nos corredores do museu, encontram-se telas doadas por artistas, como as obras de Gilsa Alcântara representando o cotidiano em Janaúba. Subindo a escadaria, encontram-se obras do artista plástico Konstantin Christoff, búlgaro residente em Montes Claros. O segundo andar abriga ainda três salões para exposições temporárias, selecionadas por meio de edital aberto anualmente.

Neste andar, há também a “Sala dos Ofícios”, onde estão representados vários ofícios populares: madeira e ferro, pesca, fios e tecidos, mineração e ourivesaria, campo, cura, beleza, cerâmica, comércio, cozinha e o ofício de educar. Em outro espaço, encontra-se a sala dedicada à arte indígena Xakriabá, com pinturas de toá nas paredes, esculturas, vasos e máscaras de cerâmica, vestimentas, instrumentos musicais, fotografias e um vídeo documentário. De acordo com o informativo do museu, a sala integra o projeto “Cerâmica Ancestral Xakriabá: da produção no Território à exposição em Montes Claros”, iniciativa de Heiberle Horácio e Nei Xakriabá, em 2024.

A religiosidade sertaneja também está presente na sala dedicada às manifestações religiosas da região, com representações da umbanda, candomblé, espiritismo, pentecostalismo, protestantismo e catolicismo. Em sequência, a exposição de maio de 2014, intitulada “Memórias do Casarão”, apresenta a história do edifício que abriga o museu, revelando sua construção em adobe e exibindo objetos que pertenciam ao primeiro reitor da Fundação Norte Mineira de Ensino (FUNM), João Valle Maurício.

Outros espaços destacam figuras importantes da cultura local. O “Espaço Ray Colares” reúne obras e a biografia do artista Ray Colares (1944–1986), enquanto ao lado encontra-se o ambiente que homenageia o músico e artista plástico Godofredo Guedes, nascido em Riacho de Santana (BA), em 1908. Segundo o informativo do museu, Godofredo foi responsável por animar a maioria dos bailes e serestas de Montes Claros desde sua chegada à cidade em 1935. Por fim, o museu abriga uma sala com mobília colonial brasileira do século XIX e outra com recursos audiovisuais, na qual são exibidos documentários sobre a comunidade local durante todo o dia.

Todo esse acervo consolida o Museu Regional do Norte de Minas como um espaço cultural vivo, que ultrapassa a função de conservar objetos e afirma-se como agente de preservação da memória coletiva, valorização da diversidade cultural regional e promoção da educação patrimonial. Como apontam [Hooper-greenhill \(2000\)](#) e [Anico \(2008\)](#), citadas por [Carvalho \(2015, p. 3\)](#), “os museus na contemporaneidade são instituições caracterizadas pela ambivalência, pela fragmentação e pela multivocalidade”, o que reafirma o papel do Museu Regional como espaço plural, sensível às múltiplas identidades que compõem o Norte de Minas.

## 4 O Museu em Movimento

*“Eu vejo o futuro repetir o passado  
Eu vejo um museu de grandes novidades  
O tempo não para  
Não para, não para”*

Cazuza, O Tempo Não Para (1988).

O Museu Regional do Norte de Minas (MRNM) constitui um espaço cujo histórico está relacionado diretamente ao desenvolvimento cultural e educacional de Montes Claros. A história do casarão, que abriga o museu, está refletida na exposição permanente "Memórias do Casarão", inaugurada em 2014 e visitada pelos pesquisadores durante o trabalho de campo, a qual servirá como base para a discussão a seguir.

A exposição "Memórias do Casarão" (2014) é um convite à jornada através do tempo que não para, revelando as diversas vidas do edifício. Com curadoria de Marta Verônica Vasconcelos Leite (diretora de acervo e pesquisa) e do historiador Thiago Pereira, a exposição conta com um valioso acervo fotográfico de Ângela Martins Ferreira, da Diretoria de Documentação e Informação (DDI) / Unimontes, da escritora Milene Antonieta Coutinho Maurício, da turismóloga Silvana Mameluque e da Superintendência Regional de Ensino de Montes Claros. Essa exposição é importante para compreender a relevância histórica do local, pois documenta as muitas transformações do casarão, construído em 1889 e que pertencia ao Coronel José Antônio Versiani, localizado na Rua Cel. Celestino.

Segundo a exposição, o casarão foi inicialmente doado para sediar a Escola Normal Norte Mineira, mais tarde renomeada Escola Normal Melo Viana. Em 1928, tornou-se a Escola Oficial de Montes Claros, e, em 1940, passou a compor o Grupo Escolar Carlos Versiani. O edifício também serviu como sede de Serviços do Departamento de Estradas de Rodagem, e retornando a ser Escola Oficial de Montes Claros em 1949.

A exposição "Memórias do Casarão" traz à tona narrativas de figuras que marcaram a trajetória do edifício. Os relatos afetivos de educadores e intelectuais que passaram pelo casarão evidenciam sua importância tanto como espaço físico, quanto como lugar de memórias. Flora Ribeiro Pires Ramos, em nota escrita na exposição, carinhosamente se refere ao lugar como seu "querido amigo casarão", evocando um vínculo afetivo profundo. A escritora Ruth Tupinambá Graça reforça essa percepção, destacando a Escola Normal, fundada em 1915, como um vibrante polo de cultura e eventos na época. Maria Isabel Magalhães Figueiredo (Baby Figueiredo), uma das cinco jovens professoras fundadoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL) ao lado de Mary Figueiredo, Maria Florinda Ramos, Maria Dalva Dias e Isabel Rabello, compartilha a missão pioneira delas: "criar possibilidades novas para o homem sertanejo melhor viver", ressaltando a pedagogia como ferramenta de luta social.

**Figura 4** – A) Ginásio e Escola Oficial de Montes Claros (1949). Fonte: Diretoria de Documentação e Informação (DDI) / Unimontes. B) Museu Regional do Norte de Minas (2025).



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores. Organização: próprios autores (2025).

A narrativa se completa com o depoimento do primeiro reitor da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM) João Valle Maurício. Em nota exposta na parede, ele relembra sua convocação para implementar o Ensino Superior no Norte de Minas: “aceitei a tarefa com entusiasmo e com o propósito de ajudar minha terra dar a maior arrancada em qualificação humana.” A antiga Escola Normal foi, então, transformada na sede da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, expandindo-se posteriormente para a Faculdade de Medicina. A consolidação dessa iniciativa culminou na formação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), hoje sediada no Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro. O casarão, assim, tornou-se símbolo material para o ensino superior na região do Norte de Minas. Conforme destacam [Veloso \(2024, p. 10\)](#), “estas jovens audaciosas plantaram a semente da formação de professores em nível superior neste solo sertanejo, o empreendimento cresceu e já formou centenas, milhares de professores e professoras”. Esse percurso reforça o papel do edifício como espaço da história educacional da cidade.

Ainda segundo o MRNM, em 30 de setembro de 2014, após ser reformado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/1991), conhecida como Lei Rouanet, o casarão foi inaugurado como o Museu Regional do Norte de Minas (MRNM), funcionando como tal até os dias atuais. Em 2019, a comunidade montesclarensense demonstrou seu engajamento ao criar a “Associação dos Amigos do Museu Regional do Norte de Minas”, que de acordo com conteúdo do site da Unimontes<sup>3</sup>, é uma iniciativa que visa fortalecer a conservação dos bens históricos e culturais abrigados na instituição.

Esses testemunhos e marcos do tempo não apenas resgatam a memória do edifício, mas também reforçam seu papel como ponto de articulação para o desenvolvimento educacional e social do Norte de Minas. A estrutura física do museu, configura-se como um elemento fundamental para a preservação patrimonial, expressando a história da urbanização e a memória coletiva da região. Em consonância com [Tuan \(2013, p. 21\)](#), “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover”. Nesse sentido, o MRNM configura-se como um dos lugares de movimento no

<sup>3</sup>Ver em: [unimontes.br/primeiro-encontro-mostra-a-viabilidade-para-museu-regional-ter- associacao-de-amigos](http://unimontes.br/primeiro-encontro-mostra-a-viabilidade-para-museu-regional-ter-associacao-de-amigos). Disponível em 23 de junho de 2025.

contexto cultural da cidade, no sentido físico, simbólico, educativo e afetivo. Espaço em constante movimento, onde memórias se organizam e novas formas de pertencimento são produzidas ao longo do tempo.

O Museu Regional do Norte de Minas adota práticas para promover maior acesso à cultura, e nota-se que em suas redes digitais são divulgadas regularmente as atualizações sobre eventos e exposições, alinhando-se com as discussões contemporâneas anteriores sobre o papel sociocultural dos museus. Sua vinculação com a Unimontes reforça sua missão educativa e social, traduzida em uma gama diversificada de atividades como o projeto Educação Para e Pelo Museu, Violão no Museu, mostras de filmes e documentários, eventos, palestras, oficinas, rodas de conversa e apresentações artísticas. Na perspectiva de Tuan (2013)an (2013), o espaço é experienciado por meio do movimento intencional e da percepção sensorial, visual ou tátil, que permite aos indivíduos construir um mundo significativo. Como expressa o autor, “os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares” Tuan (2013, p. 22), o que evidencia que o espaço não é neutro, mas vivido de maneira relacional. Por meio dessas movimentações que o museu se afirma como lugar ativo, mediando experiências e saberes.

De acordo com o Relatório do Museu do Norte de Minas de 2024, em seu compromisso de consolidar-se como espaço de escuta, diálogo e convivência, a instituição ofereceu 7 programas educativos no último ano: Grupo de Leitura no Museu; Clio no Museu; CineMuseu; Museu Convida; Violão no Museu; Educação para e pelo museu; A Sala Expositiva "Arte Cerâmica Xacribá". Além disso, promoveu 50 eventos culturais, entre os quais se destacam a “Noite Mineira dos Museus” e a “Semana Nacional dos Museus”. A gratuidade e a programação plural sinalizam uma tentativa de democratização real, mas ainda enfrentam o desafio de alcançar todos os públicos e moradores.

O contexto institucional em que o museu está inserido é amplo, composto por políticas públicas, decisões universitárias e estruturas sociais que condicionam seu alcance. Para compreender plenamente os limites e possibilidades dessa atuação, é necessário recordar que a própria origem histórica dos museus está inserida em lógicas de distinção social e apropriação simbólica. Tuan (2013) analisa como o interesse pelo passado cresceu junto ao desejo de colecionar e possuir bens materiais raros. “O museu apareceu como resposta a esses desejos” (p. 235), afirma o autor, referindo-se ao surgimento dessas instituições como coleções privadas destinadas ao prazer e orgulho de um grupo seleto. A abertura ao público foi um processo posterior e gradual. Diante disso, torna-se necessário repensar o papel do museu como espaço acessível e participativo. Neste contexto de constante movimento, o tempo presente exige não apenas a preservação do passado, mas sua reinvenção compartilhada. É neste horizonte que a próxima seção se dedica a refletir sobre os caminhos e entraves do acesso à cultura no Museu Regional do Norte de Minas.

## 5 Desenvolvimento

### 5.1 Democratização da Cultura

Em um campo de significações, o termo cultura emerge como a consolidação das inúmeras manifestações das civilizações. Em Cultura e Democracia, Chauí (2008) demonstra que os

conceitos atribuídos à cultura são formulados ao longo das épocas, por contextos políticos ou intelectuais, materializando sociedades. A partir dessa ótica, a autora apresenta acepções que sistematizam a cultura como um conjunto de práticas — sejam artes, ofícios, ciências, entre outros — que evidenciam o caráter evolutivo da civilização. Tão logo, o conceito de cultura incorpora-se ao campo das interpretações sociais.

A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a idéia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (Chauí, 2008, p. 57).

No entanto, ainda segundo Chauí (2008), a vastidão do conceito de cultura depara-se com uma problemática das sociedades modernas: esses núcleos correspondem justamente a sociedades, e não a comunidades. Ocorre que as comunidades estabelecem uma relação mútua de unidade, proximidade e bem comum, enquanto as sociedades, fruto da produção capitalista, expressam a separação e a distinção, fragmentando o todo em de classes. Essa conjuntura reforça a divisão e, por consequência, a diferenciação social de seus setores.

Ao passo que se institui a divisão, determina-se também a condição de padrões hegemônicos de um grupo sobre o outro. São estabelecidas ideologias de pensamentos, comportamentos, valores e práticas que reforçam a hierarquização social, manifestando-se em um conjunto de ações que estruturam inclusive a cultura, pois,. Como aponta Chauí (2008, p. 58), “a sociedade de classes institui a divisão cultural. Esta recebe nomes variados: pode-se falar em cultura dominada e cultura dominante, cultura opressora e cultura oprimida, cultura de elite e cultura popular”.

No Brasil, por um longo período, desde a época colonial até a República Velha, essa estrutura de poder delimitou a produção e o usufruto dos bens culturais, afastando diversos grupos do pertencimento e da construção coletiva de identidade. Enquanto a classe popular se distanciava do campo das significações e da apropriação cultural, a elite reivindicava para si a ocupação de toda a gama de espaços de prestígio, moldando-os conforme suas crenças e revelando ali os requintes da erudição como expressão de sua evolução e de um discurso nacional pró-modernidade. Entretanto, os questionamentos a esse modelo excludente impulsionaram a reformulação das dinâmicas de inclusão, diversidade cultural e legislação, com projetos como o de Mário de Andrade, que visava à proteção de toda gama de bens culturais, do saber e do saber-fazer, promovendo harmonia entre o popular e o erudito (Vieira; Dultra, 2014).

Em uma perspectiva contemporânea, o acesso e a democratização dos espaços culturais assumem um novo viés, especialmente com as diretrizes culturais da Constituição Federal de 1988 e a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que ampliaram seu campo de influência, abrindo locais antes restritos a grupos ideologicamente dominantes e considerados os únicos detentores do direito de usufruir desse privilégio. Esse imaginário restritivo, segundo (Vieira; Dultra, 2014), esteve atrelado ao jogo político decorrente do golpe de Estado de 1937 e à implantação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que

buscava a preservação da identidade nacional, histórica e memorável das elites. Essa estratégia de classes perpetuou, por anos, a ideia de que a cultura se resumia a um conjunto de práticas e comportamentos destinados exclusivamente aos detentores de capital cultural, estigmatizando e banalizando seu propósito como ferramenta de formação social e preservação da memória.

Segundo [Olinto \(1995\)](#), o conceito de capital cultural, formulado por Bourdieu em 1973, denota perspectivas sobre a subcultura das classes, evidenciando suas predileções, os gostos, estilos e condições de vida dos grupos sociais, o que resulta em sua diferenciação. Essa idealização, permite compreender a posse dos recursos de poder — econômicos, materiais, informacionais, de conhecimento — que estruturam e moldam a sociedade. Nesse contexto, a autora ainda pontua, à luz de outros estudiosos, que o capital cultural decorre de dois fatores distintos, mas interligados: o aspecto “incorporado” e o “institucionalizado”.

O aspecto “incorporado” diz respeito ao conjunto de experiências culturais e ao conhecimento intrínseco às classes, transmitidos entre gerações por meio de sua dinâmica social. Em contrapartida, o aspecto “institucionalizado” refere-se à formalização desse repertório por meio de títulos, dos diplomas e da validação educacional ([Olinto, 1995](#)). Esses fundamentos, reafirmam as concepções a respeito das produções e das manifestações culturais, legitimando as perspectivas de um grupo em detrimento de outro e orientando a sociedade quanto ao consumo de bens socialmente distintos.

Cria-se então uma prevalência de significações, de representações, de acepções e de aspirações de pureza, daquilo que é consistentemente belo ou erudito, reconhecível e apreciável aos olhos de um grupo de classes. Trata-se de uma legitimidade disseminada e institucionalizada como padrão, referência compositiva do que devem ser as expressões culturais. Um conceito tangível e sólido, pautado na materialização e componente de uma retórica de diferenciação social. O consumo do legítimo também é impresso nesse processo de construção da sociedade de classes, como afirma [Bourdieu \(2007, p. 42\)](#).

Portanto, nada há o que distinga tão rigorosamente as diferentes classes quanto à disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo das obras legítimas, a aptidão para adotar um ponto de vista propriamente estético a respeito de objetos já constituídos esteticamente - portanto, designados para a admiração daqueles que aprenderam a reconhecer os signos do admirável - e, o que é ainda mais raro, a capacidade para constituir esteticamente objetos quaisquer ou, até mesmo, “vulgares” (por terem sido apropriados, esteticamente ou não, pelo “vulgar”) ou aplicar os princípios de uma estética “pura” nas escolhas mais comuns da existência comum, por exemplo, em matéria de cardápio, vestuário ou decoração da casa.

Ocorre que, ao cunhar essa distinção, firma-se o distanciamento. Incorpora-se ao imaginário popular a ideia de que o acesso aos espaços culturais é reservado a um grupo seletivo. Barreiras visíveis e invisíveis, erguidas e materializadas, condicionando os modos de uso e de democratização da cultura. E, àqueles que não se enquadram nesse privilégio, instaura-se o cerne da noção de inferioridade social. “As artes de viver dominadas [...] são [...] percebidas, por seus próprios defensores, do ponto de vista destruidor ou redutor da estética dominante, de modo que sua única alternativa é a degradação ou as reabilitações autodestrutivas (“cultura popular”)” ([Bourdieu, 2007, p. 49](#)).

Nesta direção, a cultura popular sucumbe à negação de sua produção. O cenário cultural reserva-se, em maioria, ao que se distancia do povo. Certas preferências se solidificam. Segundo Bourdieu (2007), as barreiras de classe, são construídas pela aversão aos diferentes estilos de vida e sustentadas pelas violências sociais derivadas da intolerância estética, ao gosto das manifestações do legítimo. Com efeito, criam-se ambientes culturais homogêneos e sem diversidade, tanto em atividades e conteúdo quanto no perfil de seus frequentadores, sendo este último suscitado por inúmeros aspectos, como os ideológicos, econômicos, étnicos, raciais, territoriais, dentre outros.

Na tessitura dessas observações, compreende-se que se trata de um processo plurirregional, refletido nas mais diversas escalas urbanas. Nesse contexto, o Museu Regional do Norte de Minas (MRNM) apresenta-se como objeto de investigação e análise das relações de apropriação cultural a partir do perfil de seus usuários. Neste diálogo, a perspectiva da diversidade será pautada como instrumento de consolidação da preservação e manifestação cultural de identidades e signos.

Espaços como os museus assumem um papel crucial na promoção da pluralidade e da representatividade das pessoas — ainda que essa função seja negligenciada. Os usuários são peça-chave da diversidade. Para Sarraf (2022, p. 21), “O público das instituições é constituído por PESSOAS, que por sua vez apresentam diferenças e diversidades neurológicas, físicas, sensoriais, intelectuais, sociais, [...] entre tantas outras que caracterizam o ser humano e o conceito de comunidade”. Tais particularidades, corroboram na construção do dinamismo da corporalidade, a heterogeneidade e as (re)significações.

No que se refere ao MRNM, a observância de sua diversidade se reflete na “pesquisa, a identificação, a conservação e a divulgação de registros da cultura material e imaterial do Norte de Minas” Museu Regional do Norte de Minas (2019, p. 1), seguida do processo histórico e do lócus cultural da cidade de Montes Claros. Ao observar sua estruturação, percebe-se o compromisso com a democratização das manifestações culturais da região, que se concretiza na organização de acervos permanentes divididos em eixos temáticos: “Meio Ambiente”, “Ocupação do Território”, “Desenvolvimento Urbano de Montes Claros” e “Saberes, Fazeres e Celebrações”.

Esses acervos buscam, por meio dos itens expostos, referenciar o processo de formação do Norte de Minas, evidenciando aspectos característicos da região, como sua paisagem, as temporalidades do território, os costumes, o modo de vida da população e sua construção social. Outras áreas do museu, apesar de não serem classificadas como “permanentes”, permanecem incorporadas por longos períodos e cumprem a função de elucidar a cultura regional, como a Sala dos Ofícios, a Sala das Religiosidades, a exposição Memórias do Casarão, Ray Colares e Godofredo Guedes e a sala Mobiliário estilo Colonial Brasileiro do século XIX. Conforme registrado no Relatório Anual do Museu Regional do Norte de Minas (2019, p. 1), essa diversidade “contribui para que tenhamos uma sociedade mais integrada ao reconhecimento de sua identidade e consciente do patrimônio cultural de sua localidade, tornando-se um espaço para o diálogo, a reflexão histórica e a inclusão social”.

Outro fato que reforça a sua democratização é a proposição dos Editais de Chamamento de Exposições Temporárias do MRNM. Esses processos possibilitam aos artistas a oportunidade de

apresentar, junto a instituição, as expressões artísticas da região. No entanto, é preciso destacar que, apesar da diversidade de representações e manifestações culturais do Norte de Minas, persistem barreiras para ampliação e a visibilidade de outras demonstrações devido à escassez de recursos que viabilizem a expansão do acervo, em especial o acervo permanente.

De acordo com um dos mediadores culturais ao longo de uma visita, o MRNM, que hoje encontra-se sob administração da UNIMONTES, carece de investimentos que favoreçam a adequação ou ampliação das exposições. Segundo ele, o museu conta atualmente com doações da sociedade civil — compostas por itens que remetem às temáticas abordadas nos acervos —, mas que não são incorporadas devido à necessidade de adequações na infraestrutura expositiva, incluindo mobiliário, vitrines e demais suportes técnicos. Esse fator, impede que a visibilidade quanto a produção cultural Norte Mineira seja difundida e democratizada, dificultando a construção de uma identidade regional mais coesa.

Esses desafios também se materializam no espaço físico. A ausência de recursos impõe aos visitantes restrições quanto à entrada, à permanência e a apropriação do museu. As condições de acessibilidade — seja física (elevadores, banheiros adaptados, pisos táteis), comunicacional (audioguias, textos em braile) ou sensorial e cognitiva (adaptações para pessoas neurodivergentes) — são comprometidas pela falta de investimentos na estrutura do local. São em contextos como estes que se aplica o conceito de Acessibilidade Cultural, proposto por [Sarraf \(2022, p. 22\)](#), definido como “um conjunto de adequações, medidas e atitudes que visam proporcionar bem-estar, acolhimento e acesso a fruição cultural para pessoas com deficiência beneficiando públicos diversos”.

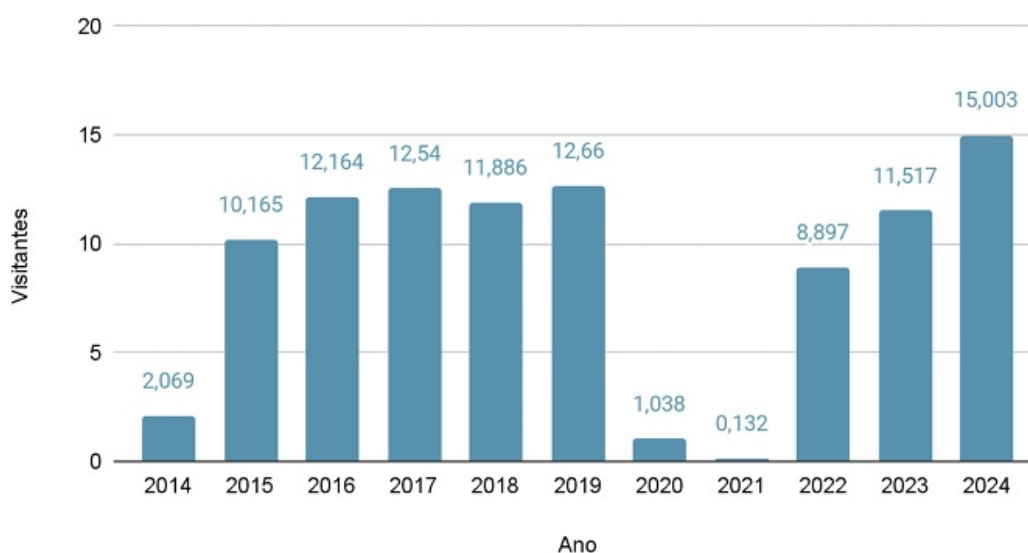
Além da acessibilidade, outros instrumentos contribuem para a democratização e a participação cultural, como a educação patrimonial e as dinâmicas socioespaciais. De acordo com um representante do corpo institucional do Museu Regional, essa perspectiva se manifesta, por exemplo, na diferença das visitas escolares: enquanto escolas da região central, muitas delas particulares, o frequentam com regularidade, aquelas localizadas em bairros mais periféricos e afastados — que enfrentam maiores dificuldades de deslocamento e transporte —, têm uma presença notavelmente menor. Essa dinâmica evidencia que, para que o museu alcance a totalidade da comunidade e promova um usufruto cultural mais amplo, é fundamental que as barreiras socioespaciais da cidade sejam compreendidas e abordadas por um esforço coletivo que vai além da competência da instituição. Como lembra [Santos \(2011, p. 171\)](#), “como certas áreas não dispõem de certos bens e serviços, somente aqueles que podem se deslocar até os lugares onde tais bens e serviços se encontram têm condições de consumi-los.”

Em consonância com essa ideia, é possível compreender que o MRNM também materializa sua influência sobre o solo urbano, uma vez que o prédio extrapola os limites físicos e amplia os sentidos de apropriação cultural, para o seu entorno, tornando-se palco de diferentes expressões e celebrações. Como aponta [Figueiredo \(2013\)](#), o reconhecimento da paisagem culturalmente construída reflete e valoriza a construção das ações humanas, consolidando suas transformações na sociedade. Desse modo, é no espaço urbano que se estabelecem as conexões e a fruição cultural das classes, onde a diversidade e a pluralidade ganham corpo a partir de um sistema

cultural de valores, hábitos, significados, símbolos, costumes, crenças, ritos, dentre outras práticas socioculturais e expressões identitárias. Enquanto lugar de representação, desempenham um papel fundamental como elemento de perpetuação do patrimônio e da cultura.

Essas ponderações são observadas a partir do número de visitas e do público que frequenta o MRNM. De acordo com o Relatório Anual do [Museu Regional do Norte de Minas](#) (2019, p. 1), foram registrados neste ano “[...] 15.045 visitantes e 52 eventos realizados, com parcerias externas e internas, [...] além de 63 visitas escolares, sendo 48 instituições públicas e 18 instituições particulares”, resultado das iniciativas da instituição para promover aproximação ao espaço. Observa-se ainda, a partir do gráfico (Figura 5), uma evolução contínua e progressiva entre os anos de 2014 e 2024, um marco temporal que reflete as dinâmicas de incentivo à cultura propostas pelos Programas Educativos desenvolvidos pelo museu.

**Figura 5** – Evolução do número de visitantes no MRNM entre 2014 e 2024.



Fonte: Relatório Anual do Museu Regional do Norte de Minas, 2024.

Associada a essas informações, outros dados são apresentados para elucidar o perfil dos usuários do MRNM. Ainda que não represente a totalidade de seus visitantes, a amostra a seguir destaca aspectos pertinentes à observação dos condicionantes que influenciam a aproximação com o local. De acordo com dados levantados por Silva<sup>4</sup>, em uma pesquisa realizada no ano de 2022 com 70 usuários, o número de visitantes do sexo feminino totalizou 45, enquanto os do sexo masculino somaram 25, o que demonstra que o quantitativo de mulheres superou o de homens em 80%. Esse número reflete o papel da mulher na apropriação de espaços culturais e museológicos, representando uma ruptura com a estrutura patriarcal (Silva, 2023).

Neste limiar, é possível compreender que a perspectiva de gênero, evidenciada pela presença das mulheres em determinados contextos, denota um caráter de representatividade. Em Museologia (d)e Gênero, [Rechena](#) (2012) destaca que a introdução da abordagem de gênero contribui

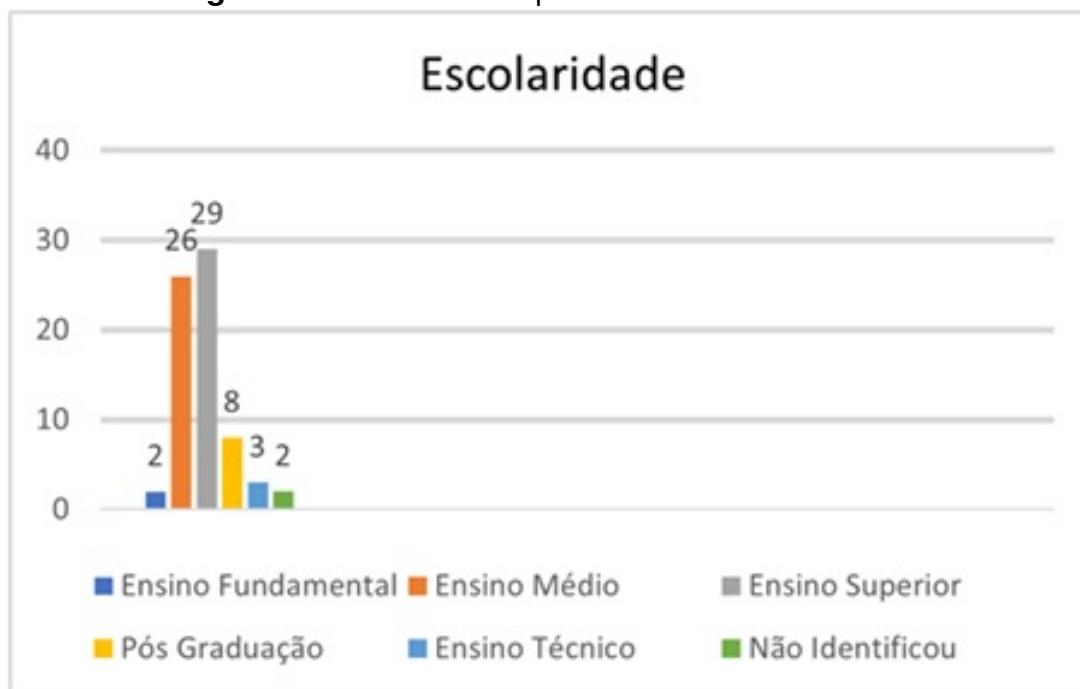
<sup>4</sup>Silva, Yasmin Cristhie dos Santos. Análise do perfil dos frequentadores do Museu Regional do Norte de Minas (Montes Claros-MG) no ano de 2022. 2023. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2023.

para o reconhecimento de todas as pessoas na construção social. A autora ainda enfatiza que a inclusão das mulheres nesses cenários “não com o sentido de considerarmos as mulheres como um objeto de estudo da museologia, mas numa perspectiva de gênero integradora, valorizando [...] os simbolismos de homens e mulheres em cada sociedade, tempo e espaço [...]” (Rechena, 2012, p. 264).

O segundo quesito a ser considerado, de acordo com Silva (2023), diz respeito à cor/raça dos usuários do museu. Observou-se que, dentre os pesquisados, 31 se declararam como pardos, seguido por 22 como brancos e 13 como pretos, enquanto outros 4 não responderam à pergunta. Ao agrupar as categorias raciais, percebe-se que pardos e pretos representam 44 dos pesquisados, totalizando 62,86% dos usuários. Ainda que constituam a categoria de maior público, o baixo número de pretos indica que razões estruturais, sociais, econômicas e territoriais devem ser consideradas ao analisar tal quantitativo.

Ao analisar a construção da sociedade de classes sob a ótica racial, observa-se que a população negra foi historicamente marginalizada nos processos de formação política, social, econômica e cultural. Essa condição se perpetuou, resultando em um afastamento intencional imposto pela cultura dominante. No entanto, esse distanciamento também representou um processo de ressignificação por parte da população negra. Logo, foram criados espaços de representatividade que refletem seus modos de vida, estilos, gostos e manifestações culturais — uma abordagem que contribui para a construção de uma identidade de resistência (Alves; Deus, 2023). Essa dinâmica contribui para a negação de lugares vinculados à cultura hegemônica.

Dando continuidade, o terceiro quesito (Figura 6) aborda o nível de escolaridade. Silva (2023) aponta que, entre os pesquisados, 29 possuem ensino superior, 26 têm ensino médio, 8 possuem pós-graduação, 3 têm formação técnica, além de 2 com ensino fundamental e outros 2 que não identificaram sua escolaridade. Esse parâmetro indica que os usuários com níveis de ensino mais elevados demonstram uma maior inclinação em participar de espaços culturais, considerando o capital cultural institucionalizado. Em contrapartida, o número de usuários que possuem apenas o ensino médio pode representar uma fase de transição ou formação em curso.

**Figura 6** – Perfil dos Frequentadores – Escolaridade.

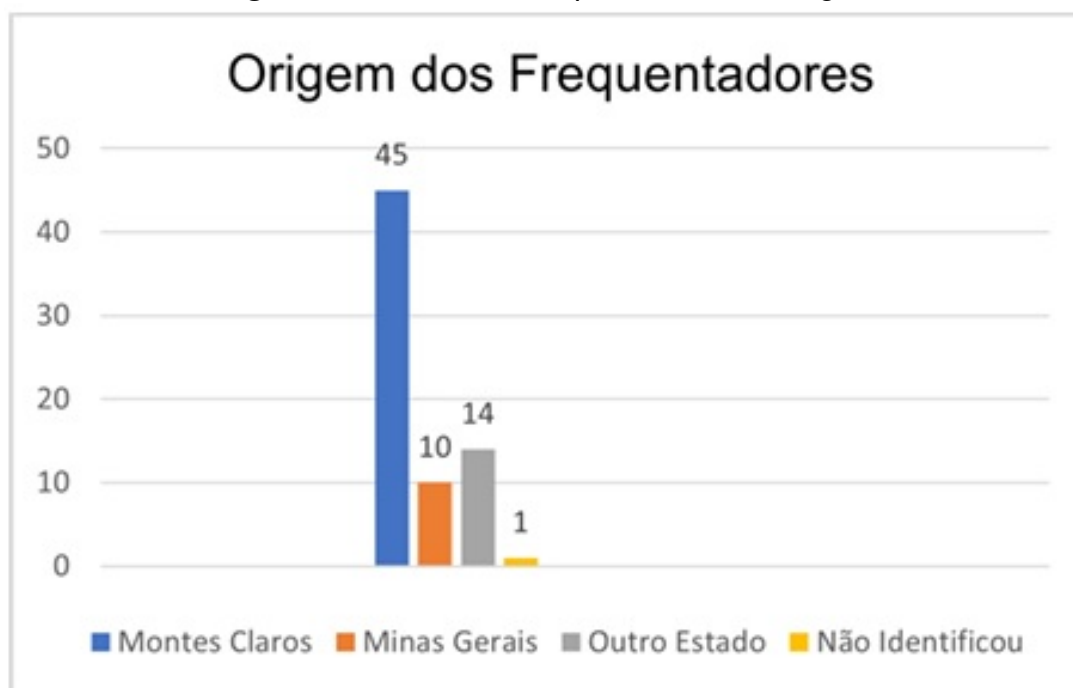
Fonte: Silva, 2023

Para [Olinto \(1995\)](#), à luz do pensamento de Bourdieu, a escola desempenha um papel fundamental na transmissão das predileções, preferências e comportamentos que caracterizam as classes sociais, contribuindo para que os indivíduos se posicionem conforme o grupo ao qual pertencem. Como destaca [Olinto \(1995, p. 30\)](#),: “Tanto as manifestações espontâneas do capital cultural quanto as contribuições específicas da escola tenderiam a se tornar cada vez mais atuantes à medida que o aluno avança nas séries”. À medida que esse processo se consolida, padrões de consumo dos espaços culturais são estabelecidos.

Cabe ressaltar ainda, que, no âmbito do município de Montes Claros, instituições de ensino, como a UNIMONTES, atuam como veículos de informação cultural, auxiliando no processo de fruição cultural de seus acadêmicos ao museu. Esse mesmo papel é desempenhado por escolas municipais de nível fundamental e médio, no entanto, em sua maioria sendo instituições particulares. Entretanto, conforme observado junto à direção do MRNM, nota-se que as políticas de educação patrimonial, especialmente no contexto das escolas públicas, carecem de maior atenção.

O último quesito reflete a espacialização desses usuários, destacando sua origem. A abordagem considerou o município e o estado (Figura 7) e, conforme apontado por [Olinto \(1995\)](#), a cidade de Montes Claros apresenta o maior índice de frequentadores, totalizando 45. Esse resultado pode ser analisado levando em conta o fato de o município ser a sede do MRNM, destacando também o sentimento de identidade local. Ademais, 14 visitantes são provenientes de outros estados, enquanto outros 14 são do estado de Minas Gerais, e 1 não apresentou essa informação.

Figura

**Figura 7 – Perfil dos Frequentadores – Origem**

Fonte: Silva, 2023

Outras variáveis são apresentadas por [Silva \(2023\)](#) como elementos norteadores para a compreensão do público que frequenta o MRNM, como estado civil, frequência, conhecimento sobre a existência do museu, níveis de satisfação com o acervo, acesso ao espaço físico, motivos da visita, entre outros. Em suma, observou-se que, apesar de particulares, essas razões refletem condicionantes que impactam o seu uso cultural e determinam os seus modos de apropriação pelo coletivo de grupos sociais. Neste contexto, é preciso validar o protagonismo popular, seus signos e sua identidade.

Além disso, ao serem abordadas, essas questões consolidam o entendimento do cenário cultural local e podem servir como métrica para políticas de preservação e educação patrimonial, bem como contribuir para a melhoria da função social do museu. O olhar para esses aspectos reafirma o compromisso com a diversidade e a democratização da vivência cultural por diferentes grupos, considerando a pluralidade de corporalidades, pensamentos, crenças, estilos, predileções, saberes e tantas outras características que moldam o ser humano. Portanto, [Sarraf \(2022, p. 22\)](#):

Dessa forma, para que os museus afirmem sua função social e sejam de fato inclusivos é necessário ir além da recepção desse público em ações educativas, é fundamental garantir sua plena participação e representatividade nos processos de gestão das instituições, prioritariamente no desenho das políticas institucionais, nas ações de curadoria e difusão do patrimônio seja ele material ou imaterial. Na esfera pública, é necessário garantir a escuta e o protagonismo de representantes dessa população, e de outras que não são consideradas na gestão da cultura e do patrimônio (pessoas LGBTQIA+, afrodescendentes, indígenas, refugiados, apátridas, de baixa-renda e escolaridade) na criação de políticas culturais inclusivas pautadas na democratização do patrimônio.

Entretanto, é importante salientar que, para garantir a consolidação da democratização de acesso aos bens culturais, entre eles o museu, necessitar-se-á de investimentos para melhoria

de sua infraestrutura física, dos aspectos arquitetônicos, da acessibilidade e da mobilidade espacial, além de sua ampliação. Como pontuado pelos interlocutores que compõem o seu corpo institucional, é importante observar o local a partir de sua estrutura e as condições de segurança e bem-estar dos usuários, uma vez que o aumento no número de visitas como expresso no relatório anual de 2024, não está acompanhado de meios de assegurar a Preservação, Conservação e Gestão de Risco do MRNM.

## 6 Considerações Finais

A partir da análise documental e das observações realizadas, foi possível identificar três aspectos fundamentais: o aumento expressivo do público e dos eventos entre 2014 e 2024, alcançando 15.045 visitantes no último ano; o predomínio de visitantes com escolaridade superior e origem urbana; e a persistência de barreiras estruturais e de acessibilidade que comprometem o acesso pleno ao museu.

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender como os espaços destinados às manifestações culturais influenciam na consolidação da identidade de grupos sociais e na sua fruição. Percebe-se que a cultura é um elemento fulcral na construção de um caleidoscópio das expressões do povo norte mineiro. Ao despertar os sentidos da população para a produção material e imaterial da região, ele reverbera as significações, o ser e o pertencer, promovendo um reconhecimento que os liga ao lugar, à história e ao patrimônio.

Com base nas observações apresentadas, entendeu-se que o MRNM, enquanto lugar de memória, promove a representatividade de uma região rica social e culturalmente. Como elemento estático, uma representação física, consolida aquilo que é tangível, materializando a cultura por meio do bem edificado, de seu acervo e dos fragmentos que contam a história da região, evidenciando o conjunto de riquezas que estruturam as relações sociais de um território marcado por sua diversidade. Contudo, este não se restringe; ele também pode ser entendido como um espaço em movimento, pois amplia sua influência para além de suas paredes, tornando-se um *locus* da vida e das dinâmicas culturais urbanas.

Enquanto palco da vida cultural, o MRNM sobrevive. Sobrevive em meio à escassez de recursos que fomentem seu uso e apropriação. Sobrevive diante das limitações do espaço físico, que restringem outras corporalidades e novos acessos. Carrega as restrições na ampliação, manutenção e diversidade dos bens que compõem seu acervo, cumprindo sua função social dentro das possibilidades. Mas é na ausência dessas possibilidades que o museu constrói o sentido de pertencimento. As estratégias e ações implementadas têm buscado ampliar sua presença para além do que está posto. Observou-se que, a partir dos Editais de Chamamento de Exposições Temporárias, houve a democratização das manifestações da cultura local, colocando-as para além das temporalidades, trazendo a variedade das expressões artísticas e culturais que constituem o patrimônio coletivo. Elas representam o passado, o presente e deixam marcas para um futuro de identidades e regionalidades.

Além disso, constatou-se que o MRNM pode ser entendido como um instrumento de (re)conhecimento.

Ainda que enfrente barreiras físicas e simbólicas, uma vez que o museu se encontra distante do cotidiano de boa parte da população, suas ações têm buscado a difusão e a ampliação do acesso, atuando como catalisador da representação regional e da participação social. Os relatórios mostram que o aumento no número de frequentadores, embora não represente a totalidade da população montesclarensense e/ou da região, ocorreu devido à implementação de programas educativos. De acordo com o Relatório Anual do Museu Regional do Norte de Minas de 2024 (2024, p.4), essas ações desempenharam um papel essencial na promoção da inclusão e no fortalecimento da presença popular:

Oferecemos 07 programas educativos, que incluem palestras, exibição de filmes, encontro de leitores e visitas guiadas, atendendo participantes, desde crianças em idade escolar até adultos. Estes programas têm contribuído significativamente para a aproximação do museu com a comunidade.

Outras iniciativas também corroboram para que o MRNM se torne cenário de uma pluralidade de demonstrações culturais, dando visibilidade ao repertório artístico popular e local. Os relatórios anuais indicam que, em 2024, foram realizados 50 eventos, cuja finalidade é promover um intercâmbio cultural que estreite a relação entre as pessoas e o local (Museu Regional do Norte de Minas, 2024). Essas iniciativas reforçam a busca pela construção de um palco de representatividade, contribuindo para a desconstrução dos estereótipos associados aos centros culturais elitizados. Contudo, esse trabalho ainda não é suficiente, e algumas lacunas comprometem os esforços do próprio museu para tornar seu acesso mais abrangente.

Para que o MRNM seja um espaço democrático, com acessibilidade e igualdade em seu uso e apropriação, julga-se que é necessário construir mecanismos que promovam a diversidade de pessoas, considerando aspectos como gênero, classe social, a existência de deficiências, faixa etária, identidade cultural, orientação sexual e origem territorial. Para tal, entende-se a necessidade de investir em novas estratégias que deem atenção às dificuldades existentes e mitiguem as barreiras de afastamento.

Diante dessa perspectiva, propostas multifacetadas, que comunguem de esforços coletivos entre o MRNM, sua instituição mantenedora e o poder público, podem ser adotadas com o intuito de viabilizar a fruição cultural e a relação de pertencimento com o local. Deste modo, à luz das observações apresentadas e da experiência enquanto usuários a partir das visitas, propõe-se:

1) Implementação da Educação Patrimonial por meio da proposição de atividades pedagógicas voltadas à culturalização e patrimonialização, incorporadas na matriz curricular das instituições públicas e privadas de ensino de Montes Claros — com possibilidade de expansão para cidades da região —, incluindo a oferta de palestras, oficinas, intercâmbios culturais e visitas regulares ao MRNM, com o objetivo de resgatar a história e fortalecer a identidade regional.

2) Proposição de um Circuito Cultural, com dinâmicas de integração que articulem e interliguem os bens tombados e preservados a outros bens e localidades que representem diferentes manifestações culturais do município.

3) Adaptação do espaço físico do MRNM aos parâmetros de acessibilidade e desenho universal, contemplando acessibilidade física e mobilidade (como implementação de elevadores, barras de apoio, banheiros adaptados, pisos táteis e rampas), comunicacional (dispositivos audioguias,

placas e totens com textos em braile) e sensorial e cognitiva (equipamentos e ambientações adequadas para pessoas neurodivergentes).

4) Melhoria da infraestrutura da edificação, incluindo os sistemas elétrico e de iluminação, com proposição de manutenções regulares e implementação de sistemas de combate a sinistros, como forma de resguardar e preservar o espaço, o acervo e a segurança dos frequentadores.

5) Ampliação do MRNM com proposição de estrutura permanente para o uso da área descoberta nos fundos, viabilizando a criação de novos espaços para exposições, programas educativos, eventos e demais atividades, potencializando as estratégias de atração de visitantes para o museu e possibilitando a valorização das expressões artísticas locais.

6) Adequação da instituição com recursos tecnológicos que proporcionem novas formas de interação com o acervo e com as atividades do MRNM, fortalecendo as perspectivas de integração entre passado, presente e futuro.

7) Articulação de recursos junto às esferas municipal, estadual e federal do poder público voltadas à preservação do patrimônio cultural. Por meio desses incentivos, promover investimentos destinados à conservação do MRNM, visando à ampliação da vida útil da edificação, à manutenção do acervo e à implementação de melhorias estruturais e funcionais.

Essas estratégias visam contribuir para a disseminação do panorama cultural existente no município — por vezes desconhecido por sua própria comunidade — bem como para a divulgação da história da região norte mineira, fomentando e elevando a visibilidade do MRNM enquanto locus de diversas expressividades. Deste modo, “Na perspectiva do reconhecimento do pertencimento coletivo dos bens somam-se esforços, - de governo e comunidades -, e quanto mais coletivos e representativos forem tais processos, mais protegidos, reconhecidos e preservados serão os bens” (Alves; Deus, 2023, p. 8). Ademais, ao implementá-las, busca-se (re)conhecer a identidade local por meio de suas expressões materiais e imateriais, perpetuando a memória que compõe esse território e colaborando para a consolidação dos signos e das representações populares, na construção de um cenário cultural sólido, coeso e diverso.

Essa construção permanece em aberto, evidenciando a importância de se fomentar novas investigações sobre a construção identitária da população, sua relação com a cena cultural e a forma como está é apropriada no contexto em que estão inseridos. Ao se analisar esse recorte à luz do MRNM, compreende-se que essas novas perspectivas de pesquisa podem revelar uma pluralidade de concepções sobre os modos de disseminação cultural — seja por meio das expressões populares, seja pelas ações do poder público, das instituições de ensino e de outras esferas civis —, permitindo questionar se há um cenário marcado por negligência ou por estratégias de manutenção de uma homogeneidade cultural vinculada a interesses de classe.

Em síntese, o MRNM atua como lugar de memória e reforçador de identidades regionais, mas enfrenta barreiras materiais e simbólicas que limitam sua apropriação plena pela população local. Entre as contribuições deste estudo, destaca-se a articulação entre análise de conteúdo das práticas institucionais e a leitura geográfica. Tal abordagem permitiu compreender como os processos de patrimonialização se relacionam com dinâmicas sociais, políticas e culturais do território.

Em conclusão, o MRNM tem papel central na preservação da identidade regional, porém suas potencialidades só serão plenamente realizadas mediante investimentos em acessibilidade, ampliação de ações educativas, programas de educação patrimonial em parceria com escolas públicas e estratégias de mediação que promovam protagonismo comunitário e mecanismos de escuta que incorporem a participação popular em processos de curadoria e gestão.

7

8

9

10

11

12

## 13 Referencial Teórico

Desenvolvimento do referencial teórico.

Esta é uma citação direta longa (mais de 3 linhas). Deve ter recuo de 4cm, fonte tamanho 10, espaçamento simples e sem aspas. Conforme normas da ABNT e da Revista Vozes dos Vales. (??)

- Matéria orgânica: composta por resíduos de origem vegetal ou animal que se decompõem naturalmente. Exemplos: restos de alimentos, podas, cascas.
- Recicláveis secos: materiais que não sofrem decomposição orgânica e podem ser reaproveitados após o descarte, por meio de processos de reciclagem. Exemplos: papel, papelão, plástico, metais, vidro.
- Rejeitos: resíduos que não apresentam outra destinação viável além da disposição final em local ambientalmente adequado. Exemplos: fraldas descartáveis, absorventes, cerâmica contaminada.
- Resíduos perigosos: aqueles que, devido a características como inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade, patogenicidade, carcinogenicidade, teratogenicidade ou mutagenicidade, representam riscos à saúde humana e ao meio ambiente. Exemplos: pilhas, baterias, lâmpadas fluorescentes.

**Figura 8** – Município de Teófilo Otoni, localizado no Vale do Mucuri, no estado de Minas Gerais



Fonte: (??)

Tabela 1 – Exemplo de Tabela

Item	Quantidade	Percentual
Item A	10	50%
Item B	10	50%

Fonte: Elaborado pelos autores.

**Quadro 1** – Exemplo de Quadro

Conceito	Definição
LaTeX	Sistema de preparação de documentos de alta qualidade.
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

References

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. ISBN 978-85-04-01188-3.

ALMEIDA, Maria Geralda. Uma leitura etnogeográfica do brasil sertanejo. **GeoTextos**, Salvador, v. 18, n. 2, p. 231–254, dec 2022.

ALVES, Rahyan de Carvalho; DEUS, José Antônio Souza de. Gestão, uso e educação patrimonial: patrimônio de quem e para quem?: Heritage education, management and use: who from heritage and for whom? **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 12, n. 1, p. e121233, 2023.

ANICO, Marta. **Museus e Pós-Modernidade: Discursos e "Performances" em Contextos Museológicos Locais**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- CARVALHO, Ana Alexandra Rodrigues. **Diversidade cultural e museus no séc. XXI: o emergir de novos paradigmas**. 2015. Tese (Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência)) — Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 1, n. 1, p. 53–66, 2008.
- FIGUEIREDO, Lauro César. Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 55–70, 2013.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Ed.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. London: Routledge, 2000.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de dados geográficos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 50–70, 2013. ISSN 2238-0205.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. e19008, 2020.
- MARTINS, Andrea. **Documentário Zé Côco Beethoven do Riachão**. Montes Claros, MG: [s.n.], 2013–2014. Projeto de documentário.
- MONTES CLAROS (MUNICÍPIO). **Decreto nº 1.761, de 28 de setembro de 1999**: Dispõe sobre o tombamento de bens no município de Montes Claros. Montes Claros, MG: [s.n.], sep 1999. Diário Oficial do Município.
- MUSEU REGIONAL DO NORTE DE MINAS. **Relatório anual do Museu Regional do Norte de Minas – 2019**. Montes Claros, 2019. Documento disponível mediante solicitação.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 7–28, 1993.
- OLINTO, Gilda. Capital cultural, classe e gênero em bourdieu. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 24–36, jul/dez 1995.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; QUENTAL, Pedro de Araújo. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis**, Santiago, v. 31, 2012.
- RECHENA, Aida. Museologia (d)e gênero. In: ASENSIO, Mikel *et al.* (Ed.). **Nuevos museos, nuevas sensibilidades**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2012. p. 259–269.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro, v. 3).

SARRAF, Viviane. Museus para a igualdade – diversidade e inclusão: Como as premissas da acessibilidade cultural corroboram com a função social dos museus. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 63, n. 19, p. 21–30, 2022.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15–30, jan/abr 2012.

SILVA, Yasmin Cristhie dos Santos. **Análise do perfil dos frequentadores do Museu Regional do Norte de Minas (Montes Claros-MG) no ano de 2022**. 2023. Dissertação (Monografia (Licenciatura em Educação Física)) — Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros.

SOLER, Mariana Galera; VASCONCELLOS, Felipe Mesquita de; ANELLI, Luiz Eduardo. Aproximando os fósseis da população do município de coração de Jesus (mg): uma discussão sobre o patrimônio. In: **Anais do II Fórum Sobre Patrimônio Cultural**. São Paulo: CPC USP, 2013. p. 1–14.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

UNESCO. **Declaração de Santiago**. Santiago: [s.n.], 1973.

VELOSO, Geisa Magela (Ed.). **Unimontes: história e memória – 60 anos formando professores no Norte de Minas**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2024.

VIEIRA, Márcia Polignano; DULTRA, Karyna. A institucionalização do patrimônio cultural. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2014.